
LINHA DE FUGA
RESIDÊNCIAS
CONTRA TEMPO
Periféricas
A Bela Associação
15 jun 3 jul 2026
Coimbra
e Bruscos
Condeixa-a-Nova

Periféricas

Créditos

Direção Artística Ana Rocha | Mariana Tengner Barros | Márcio Canabarro
Criação, Interpretação, Figurinos, Espaço Cénico Ana Rocha | Mariana Tengner Barros | Márcio Canabarro
Música & Sonoplastia Ana Rocha | Mariana Tengner Barros | Márcio Canabarro, em colaboração com OAK Witch (Jonny K e Mee_K)
Desenho de Luz & Direção Técnica Sebastião Pinto
Produção A Bela Associação
Coprodução Teatrão
Apoios Câmara Municipal de Almada | DAMAS | Linha de Fuga | Espaço do Tempo | Hotelier

A Bela Associação é uma estrutura financiada pela República Portuguesa - Direção-Geral da Cultura, Juventude e Desporto



Sobre o projeto e a residência em Coimbra

Periféricas: processo, território e precariedade

Periféricas é uma criação de Mariana Tengner Barros, Ana Costa e Márcio Canabarro, desenvolvida a partir da vontade de construir um trabalho comum e das experiências partilhadas enquanto artistas das artes performativas. O projeto parte de uma reflexão situada sobre as condições de trabalho no contexto artístico contemporâneo, particularmente sobre a precariedade, a instabilidade financeira, a mobilidade permanente e as dificuldades de articulação entre vida profissional, vida doméstica e dimensão emocional.

A condição de "periféricas" é entendida não apenas enquanto posição geográfica, mas como uma condição estrutural e existencial. O trabalho artístico convive com uma multiplicidade de tarefas e responsabilidades que permanecem frequentemente fora do campo de representação, como a gestão da vida quotidiana, a manutenção dos espaços, as deslocações, os períodos de ausência de trabalho, a procura de alojamento ou a necessidade de assegurar diferentes atividades em simultâneo.

O projeto interessa-se precisamente por esse território entre o visível e o invisível, entre aquilo que é reconhecido como trabalho e aquilo que, embora indispensável, permanece por nomear.

A partir destas experiências surge uma dimensão ficcional que atravessa o projeto, as "periféricas", personagens associadas a um universo onde o trabalho de manutenção assume uma dimensão cósmica e burocrática. O pó surge como uma das imagens estruturantes deste universo, matéria que se acumula, regressa e nunca desaparece definitivamente. Esta imagem torna-se também uma metáfora do próprio processo artístico, algo que permanece em transformação e que resiste à ideia de conclusão.

Em Coimbra e Bruscos

Ana, Mariana e Márcio estiveram em residência em Coimbra entre 15 de Junho e 13 de Julho de 2026. A sua residência incluiu uma abertura do processo e uma conversa. Ana dirigiu ainda uma oficina.

Por essa razão, Periféricas foi concebido desde o início como um projeto desenvolvido em diferentes residências. Cada contexto de criação dá origem a uma versão específica da peça, recusando a ideia de uma estreia como momento definitivo. O trabalho assume-se, assim, como um processo contínuo, em permanente transformação, no qual cada apresentação constitui simultaneamente um resultado provisório e uma nova etapa de investigação.

A primeira apresentação teve lugar nas Damas, em Lisboa, depois de um período de residência em Almada. Foi nesse contexto que a dimensão ficcional das personagens se consolidou. A residência em Coimbra constituiu uma segunda etapa do processo e partiu deliberadamente de uma posição de abertura, não se tratava de reproduzir a versão anterior, mas de perceber o que o novo território poderia introduzir, deslocar ou transformar.

A relação com Coimbra e, em particular, com o contexto da aldeia de Bruscos, teve um papel determinante na configuração desta nova versão. O espaço, a ruralidade, o ritmo do território e o contacto com as pessoas contribuíram para uma alteração da "temperatura" da peça. Em contraste com o contexto urbano e noturno da primeira apresentação, a residência favoreceu uma relação mais próxima e conversacional, permitindo que a dimensão performativa coexistisse com momentos de escuta, partilha e convivialidade.

Esta alteração do contexto implicou também uma transformação da relação entre ficção e autobiografia. Se a primeira versão se apoiava mais fortemente na construção das personagens, a versão desenvolvida em Coimbra aproxima-se das próprias artistas e das suas experiências. A peça torna-se mais direta e autobiográfica, incorporando acontecimentos e experiências concretas, nomeadamente em torno do esgotamento e das condições emocionais associadas ao trabalho artístico.

A residência funciona, deste modo, como dispositivo de investigação territorial. O encontro com as pessoas, os espaços e as histórias locais não constitui apenas um elemento contextual, mas uma matéria efetiva de criação. Um episódio aparentemente circunstancial: a história de uma chave azul pertencente a uma das pessoas encontradas durante a residência, tornou-se, por exemplo, matéria possível para a dramaturgia. A coincidência entre uma proposta previamente imaginada e uma situação encontrada no território exemplifica a forma como o projeto se constrói através do encontro entre ficção e realidade.

Neste sentido, Coimbra não surge apenas como lugar de apresentação ou acolhimento, mas como agente do processo artístico. A residência permite testar formas, abandonar outras, introduzir novas referências e reconhecer aquilo que o contexto torna possível. Cada território produz uma versão particular de Periféricas, mantendo simultaneamente uma continuidade conceptual entre as diferentes etapas.

O projeto é construído, assim, a partir de uma tensão entre permanência e transformação. A precariedade, o trabalho invisível, a manutenção e a condição periférica constituem matérias recorrentes, mas a sua tradução cénica é determinada por cada contexto. Periféricas afirma-se, por isso, menos como um objeto fechado do que como uma prática continuada de investigação, encontro e reformulação.

Ana Rocha

Residência em Artistas

Curadora, Coreógrafa, Performer, Dramaturga, Produtora e Professora, desenvolvendo atividade independente no setor cultural há mais de 23 anos. Formada em Artes Visuais e História da Arte, e atualmente doutoranda em Ecologia Humana na Universidade Nova de Lisboa, a sua prática cruza criação artística, mediação cultural e intervenção sociopolítica.

Co-fundou e co-dirigiu a MEZZANINE, tendo também integrado o coletivo SOOPA e cofundado a OOPSA. O seu percurso abrange as artes visuais, a dança contemporânea e a performance, colaborando com estruturas como o Balleteatro, a Tanzfabrik Berlin, a Fábrica de Movimentos e a Galeria Fernando Santos. Participou na organização e produção de festivais de referência, entre os quais Serralves em Festa, Alkantara Festival e Sónar+D.

Enquanto criadora, apresentou diversas obras performativas desde 2012 e colaborou internacionalmente com artistas como Meg Stuart, Benoît Lachambre, Philippe Quesne e CA Conrad. Bolseira DanceWeb (Impulstanz 2012), desenvolve igualmente trabalho como consultora independente, curadora, membro de júris e mediadora cultural.

Esteve envolvida na Ação Cooperativista, na direção da REDE e na Mystery School of Choreography / PACAP8 (Fórum Dança) como colaboradora artística.





Mariana Tengner

Residência em Artistas

É coreógrafa, bailarina, performer e diretora artística d' A BelaAssociação. Coreografou e executou inúmeras peças a solo e em grupo, salientando The Trap (vencedor do Prêmio do Público Jardin D'Europe-Áustria em 2011), EXI(s)T(s) (2018), Instructions for the gods (2017), A Power Ballad (2013) e Resurrection (2017), ambas cocriações com Mark Tompkins.

O seu trabalho é alimentado pelo seu fascínio pelo "espetáculo" da vida, pela forma como as pessoas se representam e apresentam nos planos sociais da existência e pelas tensões entre mundos. Na última década tem investigado em torno da figura da bruxa, a sua ligação com o sagrado feminino e símbolo de rebelião contra a opressão. A dança é a base para um trabalho altamente multidisciplinar, com uma forte contribuição musical dos músicos colaboradores Jonny Kadaver e Mee_K.

Combina o seu trabalho como criadora e performer com o ensino em diferentes contextos, bem como com o trabalho de ação social, nomeadamente o projeto continuado Floresta Invisível, focado na defesa de árvores centenárias e na promoção da consciência ambiental. A improvisação é uma ferramenta constante nas suas práticas e trabalhos, tanto ao nível da investigação como da criação.

Como performer destaca as colaborações com Meg Stuart, Francisco Camacho e John Romão. É cantora e teclista da banda KUNDALINI XS. Em 2016 recebeu o Prémio de Mérito Cultural Municipal da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão pelo seu percurso profissional.

Márcio Canabarro

É Bailarino e mora em Berlim desde 2011 e é formado em Comunicação Social. Completou uma especialização em performance na SEAD, Academia Experimental de Dança de Salzburgo, na Áustria, e é um praticante certificado de Embody Myo-reflex Therapy. Interessa-lhe saber como a nossa capacidade de cuidar molda os sistemas que habitamos e como isso se manifesta fisicamente nas nossas interações e interfaces. Convivendo com Retinite Pigmentosa, uma doença degenerativa que causa perda de visão periférica e eventual cegueira, Márcio enfrenta desafios onde movimento, compreensão e sensação se cruzam com confiança e conexão, especialmente na dança e em ambientes com pouca luz. Foi cofundador da CARE WHERE? Zine e CARE - Encontros de Ativismo, Arte e Música Eletrónica com DEEPER F. Coletivo (HU) e A Bela Associação (PT), explorando a construção de comunidade através do afeto imediato. A trajetória artística de Márcio inclui residências notáveis como PACK STUDIES no PACTZollverein (Essen), apoiada pelo Ministério da Cultura e Ciência do Estado da Renânia do Norte-Vestfália, e a residência fundadora de Culture Moves Europe na AADK Espanha, apoiada pela Fundação Europeia Ministério da Cultura e Instituto Goethe.

Entre os seus projetos realça FOOTPRINTS/ISOLATION PROJECT e MOUNTAINEER: STUDIES FOR BOULDERING DARKNESS, apoiados pela residência #takeheart do Fonds Darstellende Künste em cooperação com PACT Zollverein (Essen, DE). Márcio recebeu reconhecimentos incluindo o prémio de Melhor Peça Internacional do Ano da CPH Culture (DK) em 2018 por TROPICAL ESCAPE e uma indicação em 2017 por EYE CANDY. Ele também recebeu o Prémio Laban (HU) em 2016 por TROPICAL ESCAPE.





Sobre a prática artística

Corpo, escrita, voz, arquivo e experiência quotidiana

As práticas artísticas desenvolvidas cruzam corpo, escrita, voz, arquivo e experiência quotidiana. Não seguem uma metodologia fixa, são ferramentas que se adaptam às necessidades de cada processo e que permitem experimentar, recolher materiais e encontrar diferentes formas de os transformar em matéria artística.

O corpo tem um papel importante neste trabalho. Práticas como o yoga, o qigong e o exercício físico fazem parte do quotidiano das artistas e podem integrar o próprio processo de ensaio, seja como aquecimento coletivo, seja como prática individual. Mais do que uma preparação para o trabalho, são formas de cuidar do corpo, reconhecer as suas necessidades e manter uma relação de atenção e escuta.

A escrita é outra ferramenta central. A escrita criativa e a escrita automática são utilizadas para gerar ideias e produzir materiais que podem depois ser transformados. Um dos exercícios consiste em escrever livremente durante um determinado período de tempo e, a partir daí, selecionar palavras ou fragmentos que possam dar origem a novas propostas. O texto não é necessariamente um resultado final, mas um ponto de partida para o movimento, a voz ou a dramaturgia.

Em Periféricas, a escrita é também um espaço de construção coletiva. Os materiais circulam entre os três artistas, que escrevem, leem, comentam e reformulam as várias propostas. A ideia de um guião construído a “seis mãos” traduz esta forma de trabalhar: a autoria é partilhada e o resultado nasce do encontro entre diferentes perspetivas. Este processo implica escuta, negociação e disponibilidade para transformar uma ideia inicial através do olhar dos outros.

A criação prolonga-se para lá do espaço de ensaio. Durante o processo, imagens, vídeos, áudios e textos circulam entre o trio, muitas vezes através de ferramentas digitais. Estas trocas permitem manter o trabalho em movimento mesmo quando não estão juntos e fazem com que situações, pensamentos e referências do quotidiano possam entrar no processo criativo.

O arquivo surge igualmente como uma prática de recolha. Notas, acontecimentos, referências e materiais produzidos ao longo dos processos são registados e guardados, criando uma memória do trabalho. Esta atenção ao arquivo relaciona-se também com o interesse pela escrita, pela tipografia e pela relação entre factos e ficção. Recolher, organizar e transformar materiais torna-se parte do próprio processo de criação.

A voz e a música constituem outro campo de experimentação. O karaoke, por exemplo, é utilizado como prática vocal, mas também como forma de explorar a relação entre música, texto e interpretação. Existe ainda um interesse particular pela tensão entre o original e a cópia, entre o artificial e o real, e entre o perfeito e o imperfeito, relações que atravessam também outras dimensões do trabalho.

Estas práticas fazem com que o processo artístico não fique limitado à sala de ensaio. Caminhar, ler, escrever, observar, conversar, cuidar do corpo ou registar uma ideia podem ser formas de trabalhar. A matéria da criação surge, muitas vezes, no quotidiano e é posteriormente levada para o processo, onde pode ser transformada e ganhar novos sentidos. Esta relação entre prática artística e vida quotidiana é especialmente importante em Periféricas. O projeto parte precisamente da vontade de olhar para aquilo que acontece para além do momento da apresentação: o trabalho invisível, a manutenção, a vida doméstica, o corpo e as experiências que acompanham a condição de artista. As próprias formas de criação refletem essa preocupação, mantendo abertas as fronteiras entre trabalho e vida.

A prática coletiva desenvolve-se, assim, através do encontro entre diferentes linguagens e experiências. Corpo, escrita, voz, arquivo e quotidiano tornam-se ferramentas que se cruzam e se transformam ao longo do processo. Em vez de seguir uma fórmula definida, o trabalho mantém-se aberto ao que cada contexto, cada pessoa e cada encontro podem trazer.

Artísticas

Prática para Partilhar

de **Mariana Tengner Barros**

Material

Papel | Lápis | Caneta | Tesoura | Cronómetro

Práticas

PERIFÉRICAS é parte de um mito contemporâneo que faz sátira da política portuguesa, do trabalho precário e das narrativas neoliberais, através da ficção das trabalhadoras de limpeza intergaláctica: Periférica A, B e C.

O universo é uma fraude. A Companhia de Limpezas Intergalácticas é uma máquina de lavagem de dinheiro. O pó é produzido artificialmente pelo próprio Sr. Universo para justificar a existência do serviço. E as Periféricas, cansadas, organizam greve, sequestros meditativos e sabotagens simbólicas para tentar reescrever o contrato cósmico.

5 minutos escrita automática

Escreve num papel, à mão, sem parares para pensar, em escrita automática, aquilo que é importante para a vida na Terra. Quando chegas aos 5 minutos páras onde estiveres, nem que seja a meio de uma palavra.

Lês o que escreveste uma vez, sem julgar, do início ao fim.

Lês uma segunda vez, sem julgar, e intuitivamente vais sublinhar/ selecionar seis palavras ou expressões *máximo de 3 palavras*.

Escreves essas seis num novo papel e recortas para ficares com seis papelinhos com as palavras ou expressões separadas do texto inicial.

Coloca esses papéis no chão à tua frente. Um a um, vai experimentando exprimir com o teu corpo essas palavras/ expressões/ ideias. 2 a 3 minutos em cada.

Troca a ordem, faz experiências sem julgares, apenas sentindo e fazendo.

Podes fazer várias combinações.

O que é que as palavras te dão ao corpo?
Processa a importância em ti e reflete só no final.

de **Márcio Kerber Canabarro**

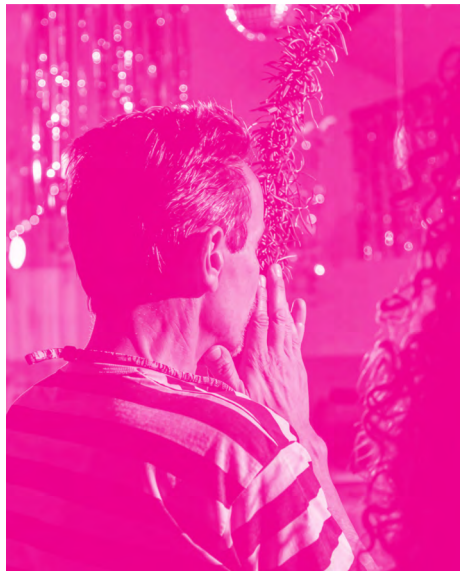
Artísticas

Senta e Escuta

Material

Práticas

Gravador de áudio | 11 minutos livres | 1 Cronómetro | *qualquer tempo extra é bónus.* | De preferência estar em um ambiente aberto, mas pode tentar em casa.



1 **Ache um lugar para estar em um espaço público**

2 **Coloque o alarme para 7 minutos**

3 **Pressione gravar no gravador**



4 **Feche os olhos e escute:**

A Quais sons soam domésticos?
B Quais sons soam selvagens?
C Quais sons soam longe?
D Quais sons soam perto?
E Como soam seus pensamentos? Preocupados? Rápidos? Desfocados? Relaxados? Tranquilos? Pacientes?

5 **Quando o alarme soar, o desligue e volte a fechar os olhos. Agora deixar que sua atenção faça o que quiser fazer por um momento mais longo que curto.**

6 **Abre os olhos e vai para casa, verifica os bolsos se não roubaram a tua carteira.**

de **Ana Rocha**

Artísticas

Omega 1

Sentido prático afiado mesmo quando a faca já está enferrujada

Tudo o que é resto e sobra, é multiplicado como um milagre de massa-mãe

O serviço de atendimento está aberto 25/7, ora liga a amiga ou o amigo ou a amige ou a família, receptividade de alta manutenção e 6G

Andamento na alvorada, 5 horas de sono já é relaxar demasiado

Despachos matinais enquanto o mundo dorme, apontamentos, e-mails, tabelas de excel e qualquer ideia deve ser apontada no raiar do dia

Um meme explosivo tem complicidade directa com um meme de fada ou sereia

Café a seguir a um copo de água abençoada pelas energias do universo, prato de comida só chega ao fim do dia

Tudo é faxina mesmo que o pó aparentemente não esteja presente

Praia e água do mar pode tomar qualquer formato, pode ser uma grande bacia com sal ou uma caneca com duas pitadas

Mochila é sinónimo de casa

Deixar o lixo fora da sua morada cósmica

Práticas

Justiça é social e colectiva

Um planeta não é uma ilha

You will, when you believe



Alfa 2

Sair de casa first thing depois de acordar

Pack light

Cigarros e café

Caderno e uma caneta

Apontar todos os downloads que aparecerem

Sublinhar automaticamente o que parecer mais relevante

Memorizar, poetizar, produzir uma melodia

Guardar caderno

Não voltar a ler

Beta 3

Fazer qualquer percurso que seja habitual

Casa Trabalho, Trabalho Casa

Reparar o quanto o corpo pouco muda porque já faz o percurso de modo automático

Adicionar : virar a cabeça e re-direccionar o olhar para outras "paisagens" de modo a ver o the same but different aka ver a mesma paisagem mas transformada pelo simples movimento de rotação do pescoço, cabeça e focar o olhar em outros novos elementos à volta

No fim do percurso, nomear mentalmente ou apontar tudo de novo que foi encontrado e o que mudou pelo facto de o corpo ter alterado gentilmente a sua atitude automática

Não fazer isso enquanto conduz o seu carro, caso ainda não tenha grau avançado desta prática *mínima 10 anos*

Infinito 4

Colocar a mão esquerda no centro do peito

Colocar a mão direita no centro do ventre

3 respirações no seu tempo

Trocar mão e lugar *replace & repeat*

Olhos semi-cerrados

Imaginar que uma luz se acende no centro da palma de cada mão

Após 3x *replace & repeat*, deslocar lentamente as mãos do contacto com o corpo e integrar essa sensação em movimento

Renew & ever expanding inner energy

PERIFÉRICAS

edição especial •

Exclúsivo Cósmico

O número 23 dos universos

PERIFÉRICA B CHORA EM ÓRBITA BAIXA

O CEO Sr. Destino recusa subsídio de poeira

SR. UNIVERSO DESPENSA GALÁXIAS

LIMPEZA EXTERNA POR RECIBOS VERDES

GREVE INTERSTELAR ABALA O MERCADO DO PÓ



Espaço Artista

HORÓSCOPO LABORAL & DESTINO APROVADO

CARNEIRO INSUBMISSO

A tua impulsividade será chamada de "falta de profissionalismo". Hoje lideras uma micro-revolução no intervalo do café.

TOURO RESISTENTE

Persistirás na ideia absurda de querer estabilidade. O sistema responderá com um contrato temporário emocional

GÉMEOS CONTRATUAL

Vais dizer "sim" e "não" ao mesmo tempo. No fim, trabalharás em silêncio.

CARANGUEJO SINDICAL

Sensível, mas politizado. Sentirás vontade de desaparecer. Não desapareças: organiza.

LEÃO PRECARIZADO

Brilharás intensamente, mas apenas se não pedires aumento nem descanso.

VIRGEM ADMINISTRATIVA

Detectarás erros em tudo menos no sistema que te corrói. Hoje limparás culpas que não são tuas.

BALANÇA INDECISA ENTRE FOME E DIGNIDADE

Pesas justiça e sobrevivência. O Universo escolhe por ti: sobreviver.

ESCORPIÃO SUBSISTENTE

A tua intensidade será rotulada como "instabilidade". Alguém chamará luxo ao teu direito básico.

SAGITÁRIO EXAUSTO

Quererás fugir para outra galáxia. Lembrar-te-ão que o passe não cobre sonhos.

CAPRICÓRNIO PRODUTIVO

O planeta pede amor, mas o teu chefe prefere relatórios e metas impossíveis.

AQUÁRIO REVOLUCIONÁRIO

Terás ideias perigosas como "tempo livre" e "vida digna". Mantém a ousadia.

PEIXES EM COLAPSO POÉTICO

Flutuarás entre burnout e transcendência. Hoje sonhar é um acto subversivo.

Mensagem Final do Sr. Destino

"O futuro é flexível. Tu devias aprender com ele."

Referências

MilaRepa
Mitologias Roland Barthes | 1957 |
Mythocracy: How Stories Shape Our Worlds Yves Citton | 2025 |
Buddhist Meditation: Classic Teachings From Tibet Kurtis R. Schaeffer | 2024 |
Pode a Subalterna tomar a palavra Gayatri Chakravorty Spivak | 1985 |
Maria

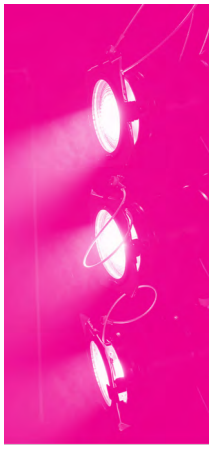
Livros e Revistas





Música

Underground Sound of Lisbon
So get up!
Doce Amanhã de Manhã
Celeda Music is the answer
Portishead



Filmes

Pulp Fiction Quentin Tarantino | 1994 |
Mars Attacks! Tim Burton | 1996 |

Séries e Televisão

Saturday Night Live
A Amiga Olga
Big Brother com Teresa Guilherme
Big Show Sic
Perdoa-me
Ponto de Encontro
Domingão do Faustão



Conversa O que me faz artista?

O que me faz Artista?

No dia 17 de junho, às 18h, na Tabacaria do Teatrão, Ana, Mariana e Márcio fizeram parte de mais uma conversa: O que me faz artista?



Mote para abrir a conversa

Um trio de multidões de invisibilizados, explorados e mantidos numa rotina de insustentabilidade e desumanidade, para que outra parte da sociedade funcione em Humanidade. Um trio de multidões de precarizados na mecânica do fazer das práticas artísticas e nos seus outcomes criativos, para que estruturas concêntricas e endotrópicas continuem a funcionar sobre si mesmas, aparentemente.

"O que me faz artista" é uma rúbrica de conversas desenvolvida pela Linha de Fuga, que propõe um espaço de encontro e escuta entre artistas e público. A partir de percursos singulares, estas conversas procuram humanizar os processos de criação, dando visibilidade às dúvidas, inquietações e motivações que acompanham quem cria.

Programa feito com o apoio do LIPA/TAGV

A sessão foi gravada e pode ser ouvida aqui



Liguei a Tv num programa trash e me deu um anseio cósmicutópico

I

Imagine um TV Show, um programa de auditório desses que toda gente já assistiu por horas durante a tarde sem saber bem o porquê. Qualquer um sabe bem os elementos que o compõem: sedução, convencimento, exagero nas cores, comerciais e apresentadoras com aquele tom efusivamente alegre & despojado.

II

Agora imaginemos todos esses elementos à serviço dos sarcasmos mais aterrorizantes sobre a natureza da sociedade contemporânea, mais precisamente sobre os despropósitos das promessas de sucesso num mundo fadado ao fracasso. A sedução serve à desmistificação do trabalho artístico; o convencimento adiciona dados de artistas em burnout; o exagero não conhece os limites e as perfomers-apresentadoras, a dada altura, pintam seus próprios braços e rostos de azul; e os comerciais fazem brilhar as precariedades diárias do trabalhador comum: faxineiras e artistas.

Periféricas, a performance, fala de questões essenciais enquanto escancaram - com humor e zombaria - as feridas de um tempo adoecido, de uma humanidade adoecida.

III

Neste longo programa de auditório às avessas, somos alimentados por esquetes que jogam com o trash ao mesmo tempo em que convocam rituais. O trash trabalha numa espécie de atestado das condições de trabalho e de vida dos tempos atuais. Os rituais, que aparecem com mais força em três momentos, funcionam como dispositivos que acionam a utopia. E é aí, nesse jogo entre programa de auditório de estética trash e ritual partilhado, onde o público pode experienciar não só um mais uma performance contemporânea: mais um atestado de VIDA de três OPERÁRIAS DA ARTE.

IV

O Serviço Cósmico, de Ana Rocha, Mariana Tengner e Márcio Canabarro, limpa a poeira dos olhos de quem não vê que a piada dessa vida lascada é a tragédia anunciada com sorrisos e adereços coloridos e brilhantes. Limpar para conseguir algum espaço para o que verdadeiramente interessa: um tempo para partilhar bolinhos e sumos e chouriças e saladas e falar e estranhar e ouvir e estar e dançar se apetecer ou só olhar por diferentes ângulos, se assim achar melhor.



www.linhadefuga.pt



Entrevista Catarina Saraiva
Edição de Textos Marta Rodrigues
Ensaio Crítico Keissy Carvelli
Design gráfico e Diagramação So Dias
Fotografia Paulo Abrantes

Iniciativa

Estrutura financiada por

Co-produção
Residências Contra|o|Tempo

Parceiros

Apoios

Media partner